

A gestão e o tempo

2014 foi, sem dúvida, um ano interessante para levantar a pauta da gestão. Gestão de processos, pessoas, grandes e pequenos feitos. Um ano de Copa, onde observamos o velho «jeitinho» brasileiro acelerar obras em prol da Copa do Mundo, evento este que trouxe surpresas para o brasileiro, alegrias e tristezas. É inevitável citar o 7x1 neste momento, pois ele é emblemático: em algumas coisas, não é possível vencer com o jeitinho. Alguns pequenos (e principalmente os grandes) feitos exigem preparo. Exigem planejamento, organização, liderança, controle, coordenação... Todas as palavras mágicas que conhecemos para além de Fayol.

É possível afirmar com segurança que a gestão dos grandes feitos é, na verdade, a gestão dos pequenos feitos. Os detalhes e a forma como se entrelaçam na complexa sistemática das organizações, dos movimentos de processos e pessoas que nos cercam em todos os momentos de nossas vidas. E é, também, a gestão dos tempos. Não o tempo definido lá nos primórdios por Taylor, não o tempo de cada um dos singulares movimentos de um trabalho, mas sim o tempo das coisas, o nosso tempo. Gerir o tempo é entender que a vida e suas formas de manifestação possuem um tempo determinado; que a natureza precisa de tempo para se recuperar, que nós, enquanto gestores, delimitamos também o tempo de quem nos cerca, de quem depende de nós e de quem dependemos; que cada projeto, por menor que seja, possui um tempo determinado no qual é maturado e preparado para ser um grande feito. E que estes, os grandes feitos, quando são idealizados com o único intuito de se fazerem virtuosos, vão precisar de muito mais tempo, algo que vai além de nossos prazos e metas trimestrais; de nossos mandatos, de nossas crenças de que é possível forjar equipes sem dar-lhes o tempo para entenderem a si próprias enquanto equipe, enquanto conjunto.

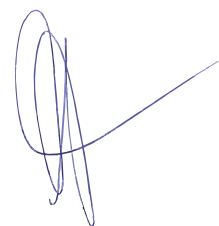
Em um mundo de pressas, esquecemos que a gestão e as organizações precisam de tempo também. Tempos de reflexão sobre o trabalho que estão a desenvolver, o tempo necessário para se verificar se aquele é ou não um caminho adequado. Quando nos damos o tempo necessário para analisar nossas escolhas, percebemos por exemplo que o caminho difícil pode ser uma melhor opção ao caminho fácil, afinal de contas, o caminho da aprendizagem é o que leva à inovação. Sem ela, nossas organizações e nossas formas de gestão estão fadadas a parar no tempo. E já dizia Cazusa, que pouco tempo teve para deixar sua mensagem ao mundo, «o tempo não para». Já Marguerite Yourcenar, que incrível uso fez

de seu tempo, proferiu, «o tempo, esse grande escultor».

Essa edição da RAU não tem como temática o tempo e nem a Copa, mas está estreitamente relacionada à questão. Isso porque ela introduz uma importante mudança: a partir de agora, a RAU será semestral. É uma mudança que nos permite trabalhar com maior afinco em torno do periódico, priorizando sempre a qualidade e a busca do diálogo com colaboradores de diversos estados. O tempo é e sempre será amigo da qualidade!

Nesta nova edição, fazemos um passeio pelo Brasil. De norte a sul, os artigos aqui relacionados procuram analisar o macro e o micro da realidade gerencial e dos fenômenos que norteiam esta realidade, a partir de um viés sócio-político e econômico-financeiro. Abrimos a revista com um interessante artigo sobre o SISPROM, compreendendo a importância do recurso para a internacionalização do setor de serviços no Brasil. Em seguida, uma discussão sobre os processos de globalização partindo de uma leitura do Manifesto Comunista e um estudo de caso sobre a internacionalização da cervejaria Weber Haus. Um trabalho sobre o Mercado Livre e estratégias de marketing para micro e pequenas empresas do setor automotivo e mais um estudo de caso, desta vez vinculado ao comportamento organizacional e rotatividade no Parque das Aves em Foz do Iguaçu; um estudo que analisa o perfil de investimento dos discentes da UFPE, um paper que busca identificar novas práticas de inovação no contexto sócio-ambiental em diversos setores industriais pelo Brasil com base em atividades sustentáveis promovidas pelas empresas; um artigo sobre o sistema MRP e seu impacto na gestão de uma empresa manufatureira de calçados. Fechamos com um artigo que analisa relatórios anuais de empresas do setor de transporte e rodovias listadas na Bovespa, buscando verificar a representatividade destes relatórios em relação ao sistema produtivo dos serviços das referidas empresas.

Um agradecimento especial a todos os nossos colaboradores e autores, e tenham todos uma boa e rica leitura!



Cristina Almeida,
Editora-chefe da RAU